

Revista de Sociologia e Política

Revista de Sociología e Política

Universidade Federal do Paraná Departamento de Ciências Sociais

contato@revistasociologiaepolitica.org.br

ISSN: 0104-4478

BRASIL

1999

Kátia Rodrigues Paranhos

EDUCAÇÃO SINDICAL EM SÃO BERNARDO NOS ANOS SETENTA E OITENTA

Revista de Sociologia e Política, novembro, número 013

Universidade Federal do Paraná

Curitiba, Brasil

pp. 153-174

EDUCAÇÃO SINDICAL EM SÃO BERNARDO NOS ANOS SETENTA E OITENTA¹

Kátia Rodrigues Paranhos
Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO

Este artigo aborda a preocupação das lideranças sindicais de São Bernardo com relação às programações culturais, aos planos de formação sindical e política, aos projetos de renovação da imprensa sindical e às atividades de lazer. Por intermédio do Jornal Tribuna Metalúrgica e do Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica foi possível rastrear o discurso e as práticas das lideranças sindicais entre os anos de 1971 e 1982. Desse modo, as lideranças de São Bernardo, ao procurarem mobilizar a categoria instituem a educação sindical como uma estratégia de luta decisiva naqueles anos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação sindical; programação cultural sindical; formação sindical; comunicação sindical; lideranças sindicais de São Bernardo; movimento operário nos anos 70/80.

I. INTRODUÇÃO

Entre os anos de 1971 e 1982, por meio do discurso sindical dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo, deparei-me com os seguintes lugares de luta – o sindicato, a fábrica, as greves, a cidade e o país – e do mesmo modo, com várias estratégias de luta. Fabricado no sindicato, esse discurso tenta inicialmente viabilizar a organização dos trabalhadores metalúrgicos em defesa de seus interesses no Brasil pós-64. Sobretudo, temos importantes estratégias de mobilização que podem ser entendidas como enunciados imagéticos e/ou lugares de luta. Desse modo, o sindicato, a fábrica, a greve, a cidade e o país iluminam a categoria e a própria classe trabalhadora ao estabelecerem temas caros ao movimento operário – vale citar, o chamado sindicalismo autêntico, a liberdade sindical, o direito de greve, as negociações diretas com os patrões, as atividades culturais, para não mencionar a questão da identidade operária em tempos tão bichudos.

Por intermédio do jornal *Tribuna Metalúrgica* e do *Suplemento da Tribuna Metalúrgica*, foi

possível investigar o discurso e as práticas forjadas pelas lideranças sindicais nos anos 70. Ao destacar os enunciados imagéticos e os lugares de luta – o sindicato, a fábrica, a greve, a cidade e o país – a fala sindical movimentava por meio desses uma série de estratégias pontuais de resistência operária. Assim sendo, cabe relacionar o esforço na edição e veiculação da *Tribuna Metalúrgica* e do *Suplemento*, o empenho na tarefa de sindicalização, as campanhas salariais, os congressos operários, a orientação nas leis existentes e o acompanhamento de processos contra as empresas, o incentivo à luta nas fábricas, a preocupação com as atividades culturais (a aproximação entre os operários e os artistas, intelectuais, cineastas), as greves (“Dos Braços Cruzados à Greve Pipoca”). Novamente encontramos operários, pesquisadores, cineastas e cantores encantados com as greves operárias, a inquietação com a “cidade poluída”, ou a “República São Bernardo”, lembrando a linguagem utilizada pelos trabalhadores ao referirem-se à “cidade operária”. Enfim, um elenco de medidas de mobilização emblemáticas para o enfrentamento no cenário brasileiro das adversidades políticas dos anos 70 (cf. PARANHOS, 1999).

Folheando as páginas do jornal *Tribuna Metalúrgica* e do *Suplemento* observam-se não apenas novas falas e imagens políticas, econômicas e sociais dos “lugares de luta”. Dá-se também um peso significativo para as atividades de

¹ Este trabalho tem como referência o *paper* apresentado no grupo de trabalho *O mundo do trabalho: da fábrica à informalidade* no XXI Congresso da ALAS — Associação Latino-americana de Sociologia, realizado em São Paulo entre 31 de agosto e 5 de setembro de 1997.

educação sindical. Ou seja, as lideranças sindicais dão uma atenção especial às programações culturais, aos planos de formação sindical e política, aos projetos de renovação da imprensa sindical e às atividades de lazer. É desse tema portanto que pretendo tratar neste artigo limitando-me aqui a um levantamento do repertório de iniciativas dos dirigentes sindicais de São Bernardo.

II. PEQUENO BALANÇO SOBRE FORMAÇÃO OPERÁRIA

Na Europa, as atividades de formação sindical e/ou operária desenvolveram-se já a partir do século passado. A preocupação com a educação permanente e com a difusão da cultura vem do exemplo das *University Extensions* ou das Universidades populares dinamarquesas, criadas na metade do século XIX e que se desenvolveram também em outros países entre o fim do século XIX e o início do século XX. É importante salientar que a formação sindical, além de adaptar-se às exigências e às formas de cada organização sindical, é, em geral, fortemente condicionada pela relação entre os intelectuais e a sociedade.

É interessante frisar — em uma breve retrospectiva histórica² — que num país como a França, até 1914, o problema da formação operária ocupa um lugar relativamente secundário na vida sindical. O estudo e a cultura não constituem ainda “centros de reflexão autônomos”. São preocupações ocasionais que surgem por conta da formação técnico-profissional. A partir de 1919 nos congressos promovidos pelas centrais sindicais (C.G.T. — *Confédération Générale du Travail* — e C.F.T.C. — *Confédération Française des Travailleurs Chrétiens*) o problema da formação põe-se principalmente nos relatórios apresentados pelos militantes. Surgem ainda as “sessões confederais de estudos e práticas sindicais” e as escolas normais operárias — em duas ou três regiões de Lyon e Paris. Em 1932, a C.G.T. cria o Centro Confederal de Educação Operária que dá origem, em Paris, a um Instituto Superior Operário, e aos Colégios do Trabalho noutras regiões. Entre 1948 e 1950, cada central sindical coincidentemente está preocupada com a instalação e normalização das suas estruturas educativas. Disto decorre “o fato de cada central

sindical valorizar os problemas da formação pelo estudo, considerada como uma das duas ou três condições fundamentais para a existência de um sindicalismo forte. Por conseqüência, assiste-se ao acabamento da constituição dos dispositivos de formação. No plano nacional, são as três escolas centrais: de Bierville para a C.F.T.C., de Courcelles para a C.G.T. e da Avenida do Maine, em Paris, para a F.O. Cada central define igualmente toda uma política educativa, com aspectos comuns a todas [...] mas também com aspectos particulares a cada uma” (DAVID, 1974, p. 291)³. Em 1956 foram criados os Institutos Universitários do Trabalho e entre 1960-61, “o movimento operário, ao mesmo tempo que acentua o seu esforço de educação dos militantes, situa-se de maneira cada vez mais clara dentro de uma perspectiva cultural alargada. [...] Em resumo, as organizações sindicais estão de acordo em estar presentes nas instâncias que contribuem para a realização da política de desenvolvimento cultural” (DAVID, 1974, p. 292-293).

Ao instituir a idéia da formação permanente, o movimento sindical cumpriu uma função proeminente, sobretudo quando se realizou o entrelaçamento entre movimento operário e movimentos de caráter intelectual. Assim, na França teve um papel decisivo o movimento que legaram intelectuais e trabalhadores em 68 e que levou aos acordos de Grenelle entre governo e sindicatos, que deram início à legislação sobre formação permanente e a formação profissional contínua. Desse modo, os trabalhadores podem gozar de licenças remuneradas até seis meses por ano, a cargo do fundo para a formação. E também pode ser reconhecida a experiência de trabalho como título para ter acesso à universidade, mesmo quando não tenham obtido o título de estudo de escola de 2º grau.

Legislações e apoios não podem ser explicados simplesmente por uma espécie de colaboração e reformismo. Na realidade, a sensibilidade e o aguerrimento dos sindicatos e dos intelectuais envolvidos foram determinantes para experiências tão importantes. Em países como a Bélgica, a França, a Alemanha, a Grã-Bretanha e a Suécia os

² As considerações iniciais deste artigo se basearam em MEMO, s/d, especialmente p. 1-37, bem como em DAVID, 1974, p. 267-306.

³ Sobre as principais centrais francesas — CGT, CFDT e FO (*Force Ouvrière*) —, cf. TREMPÉ, 1977, p. 81-98; THIBAUT, 1977, p. 93-98; e SEMEDO, 1995, especialmente p. 91-111.

sindicatos gozam de licenças remuneradas, tuteladas pela lei, para participar das atividades de formação sindical. As licenças remuneradas em alguns casos referem-se a todos os trabalhadores, enquanto em outros lugares existem para quem desenvolve atividade sindical a partir dos membros dos comitês de empresa, com um número de horas mais ou menos extenso e com a possibilidade a mais de um país de usufruir de licenças ainda mais amplas para quem desempenha a própria militância sindical como formador. Ainda entre os países referidos anteriormente, existem formas de apoio à formação sindical. Em alguns países “existem contribuições específicas para a formação desenvolvida pelos sindicatos, em outros as formas de apoio são em geral para a educação permanente e para os adultos, nos quais entram também os centros de formação sindical [...]” (MEMO, s/d, p. 8-9)⁴.

Na Grã-Bretanha, a relação entre movimento sindical, universidade e escola pública tem uma tradição bem mais longa, que parte da instituição do Ruskin College em Oxford em 1899, com o apoio dos sindicatos e que se amplia de maneira significativa depois de 1920, quando a “Universidade de Nottingham em primeiro lugar dá início a uma faculdade aberta, cujo objetivo não é o de conceder títulos de graduação, mas de promover a educação permanente na sociedade. Em 1922, também em Nottingham institui-se a primeira cadeira de educação de adultos” (MEMO, s/d, p. 7)⁵. Hoje, apesar da ação dos governos conservadores ao longo dos anos oitenta, que reduziu os

fundos à disposição da formação sindical, na Grã-Bretanha “382 são os tutores contratados pela universidade e *colleges*, que dedicam a maior parte do tempo aos cursos sindicais: tanto nos institutos superiores, técnicos e políticos, onde se desenvolvem os cursos com licença remunerada para os representantes de departamentos e os funcionários da segurança nos locais de trabalho, [...] como nas universidades onde se desenvolvem outras atividades em colaboração com o sindicato” (MEMO, s/d, p. 7).

As necessidades de formação não diminuem com o aumento do nível de instrução, mas, ao contrário, crescem. De acordo, com Roger Cantigneau, responsável pela formação sindical da Confederação dos sindicatos cristãos belgas, “com o aumento dos níveis de instrução hoje, os trabalhadores não aceitam mais seguir as indicações dos grupos dirigentes do sindicato sem discutir a fundo as razões; é, além disso, impensável um maior papel dos organismos de representação das empresas sem fornecer a eles os instrumentos culturais e informativos necessários” (MEMO, s/d, p. 10). No caso belga tanto a Confederação dos Sindicatos Cristãos — CSC quanto a Federação Geral dos Trabalhadores da Bélgica — FGTB, estão empenhadas em atividades culturais, formativas e de pesquisa e é interessante observar que sozinhas representam mais de 90% dos trabalhadores.

No Brasil, a preocupação educacional no movimento operário-sindical inicia-se com as propostas educativas dos libertários, particularmente dos grupos anarco-sindicalistas, englobando os anos 1902/1920. O projeto educativo dos libertários tinha três dimensões que se ligavam entre si: a educação político-sindical, a educação escolar e as práticas culturais de massa⁶. Sílvia M. Manfredi, em um texto fundamental sobre experiências e práticas de educação dos trabalhadores brasileiros⁷, destaca que a concepção educacional anarquista “articulava as práticas educativas [...] com outras práticas no campo cultural e do lazer, de caráter

⁴ Para o processo e o desenvolvimento das atividades de formação sindical na Bélgica, na França, na Alemanha, na Grã-Bretanha, na Suécia e na Itália com maiores detalhes cf. MEMO, s/d, p. 19-155.

⁵ E.P.Thompson, por quase duas décadas (entre 1948-1965) ocupou-se da educação de adultos no Departamento de Estudos Extracurriculares da Universidade de Leeds. O referido Departamento mantinha um apoio à extensão educacional, como uma ponte entre a universidade e os compromissos com a Associação Educacional dos Trabalhadores (*Worker's Educational Association - WEA*), desde 1903 dedicada a oferecer cursos de treinamento prático aos trabalhadores. Dorothy Greenald (“a quem *A formação da classe operária inglesa* seria dedicado”) e Peter Thornton, “integrantes da primeira turma de Thompson em Cleckheaton de 1948 a 1951, lembraram-se de que Edward fazia a história tornar-se viva para seus alunos, e mais particularmente ‘demonstrava que nossa formação não era motivo para envergonhar-se’. ‘Isso realmente me fez mudar’, disse Dorothy, em uma declaração que talvez seja o mais caro tributo a qualquer professor” (PALMER, 1996, p. 85-86).

⁶ Sobre uma das propostas educativas mais famosas dos libertários, vale conferir o vídeo de ROMANI, PIMENTEL & CARDOSO, 1995.

⁷ Sílvia M. Manfredi denomina “educação sindical” como “aquelas práticas educativas mais sistemáticas, intencionalmente programadas, como por exemplo os congressos dos trabalhadores, cursos, seminários, palestras etc., promovidos por entidades de classe ou outras organizações sócio-culturais, com o intuito de veicular

massivo e popular. Teatros, festivais de música e poesia, piqueniques eram constantemente promovidos pelos libertários nos bairros operários dos centros industrializados da época” (MANFREDI, 1996, p. 25-26).

Sílvia M. Manfredi enfatiza sobretudo no projeto de educação dos libertários o seu “caráter globalizante” (aspectos culturais, educativos e libertários) que o caracterizava “como um projeto de educação classista [...] voltado para a emancipação político-ideológica e cultural da classe operária”. Dessa forma, os libertários propuseram a construção de um “projeto educativo singular, próprio e autônomo” (MANFREDI, 1996, p. 26).

Entre 1945 e 1950, cabe ressaltar as iniciativas de educação sindical assumidas por partidos e organizações de esquerda. Nesse sentido, a atuação e as propostas do Partido Socialista Brasileiro, bem como a surpreendente recriação da universidade popular dos anarquistas em 1945, são tópicos essenciais nesse período. Do mesmo modo, a presença do PCB no movimento operário-sindical é de fundamental relevância. O que se percebe no partido é o nítido privilégio conferido à formação político-partidária (formação de quadros), à qual se resumia, em última análise, sua prática de “educação sindical” (cf. MANFREDI, 1996, p. 45-66).

Vale realçar a experiência das escolas do PCB no que tange sobre a pedagogia comunista. É bom destacar, entre outras coisas, a desvinculação entre partido e bases e a desqualificação dos próprios dirigentes sindicais — chamados de “sindicaleiros” —, dando uma mostra da visão de educação do PCB⁸.

Em matéria de educação sindical multiplicaram-se por todo o Brasil – no período compreendido entre as décadas de 70 e 80 – experiências de

projetos e propostas político-sindicais e formar quadros organizativos. Caberia ainda incluir entre as atividades de formação sindical aquelas iniciativas de formação político-ideológica que se destinam a grandes grupos de trabalhadores – a imprensa sindical, programas de rádio e televisão, boletins, revistas, teatro, cinema etc.” (MANFREDI, 1996, p. 23-24). Ainda sobre a educação sindical, v. ROSA, 1995, especialmente p. 5-14.

⁸ Conferir os depoimentos de ex-dirigentes como Hércules Correa, Armênio Guedes e Jacob Gorender em MANFREDI, 1996, p. 45-87. A formação de quadros e a educação política no PCB entre 1950 e 1958 pode ser vista em MOTTA, 1995.

formação em sindicatos de setores mais organizados e ativos na condução do movimento (metalúrgicos, químicos, bancários, petroleiros etc.), assim como os sindicatos passaram a organizar seus departamentos de educação e cultura e a ensaiar programas mais articulados de formação sindical. Cabe salientar as experiências levadas a efeito nesse período nos seguintes sindicatos: Metalúrgicos de São Paulo (São Paulo), Metalúrgicos de São Bernardo do Campo (São Paulo), Metalúrgicos da Baixada Santista (Santos/SP), Metalúrgicos de Monlevade (Minas Gerais), Bancários de São Paulo (São Paulo), Telefônicos (Minas Gerais), Químicos de São Paulo e do ABC (São Paulo), Sapateiros (Franca/SP); entre as federações destacaram-se as dos trabalhadores rurais de Minas Gerais (Fetamg), Pernambuco (Fetape) e a Federação da Alimentação do Rio Grande do Sul. Entre as confederações, há que se evidenciar a importância do trabalho desenvolvido pela Contag. Entre os grupos de oposição sindical há que se fazer referência à experiência da OSMSP – Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo (cf. MANFREDI, 1996, p. 115-117).

III. UMA EXPERIÊNCIA DO “NOVO SINDICALISMO”

Desde 1971, as lideranças sindicais de São Bernardo revelavam uma preocupação com as atividades de “educação sindical”⁹. O lançamento da primeira edição do *Jornal Tribuna Metalúrgica* naquele ano demonstrava um investimento no campo da formação e da comunicação, de suma importância para o período dos anos 70. Desse modo, uma das mais relevantes atividades de formação era feita pelo próprio jornal do sindicato.

O *Jornal Tribuna Metalúrgica* representava uma iniciativa que não visava apenas atingir a massa dos metalúrgicos. Revelava uma estratégia fundamental: a veiculação das “vozes operárias” (“Este jornal será sua voz”), significava simultaneamente o desejo de que participassem efetivamente do sindicato.

A edição e veiculação mensal da *Tribuna Metalúrgica* foram uma tarefa assumida por Antônio Carlos Felix Nunes (o redator responsável), Paulo Vidal, Exupério Cardoso Campos, Antenor Brolcabi, Dr. Maurício Gomes de Almeida, Dr.

⁹ Estou utilizando a concepção de MANFREDI, 1996, p. 23-24.

Antônio Possidônio Sampaio, Nelson Campanhollo, Carlos Alfredo Rizzo, Roberto Mori Machado e vários outros colaboradores ligados efetivamente à diretoria. Ou mesmo os próprios associados que talvez fortuitamente (e anonimamente) procuravam auxiliar no trabalho de produção e distribuição do jornal¹⁰.

De acordo com Antônio A. Primo a diretoria mandou imprimir 15 mil exemplares do primeiro número da *Tribuna Metalúrgica* e em novembro de 1971 aumentou a tiragem para 30 mil jornais. Segundo dados do DIEESE, na época havia 64.972 metalúrgicos trabalhando em São Bernardo do Campo e Diadema. Em junho de 1974, a tiragem da *Tribuna Metalúrgica* passou de 35 mil para 40 mil, quando havia 92.869 operários trabalhando nas indústrias da região. Dados que revelam portanto tiragens que representavam quase a metade da quantidade de metalúrgicos do ABC (Cf. PRIMO, 1996, p. 29).

No nº 1 da *Tribuna Metalúrgica* os assuntos estavam dispostos em colunas relativas aos problemas econômicos, políticos, sociais e culturais. O nome da primeira coluna cultural era “Recreação e Esporte”. A tônica estava voltada para o futebol, com a fundação do Grêmio Esportivo Metalúrgico e para os piqueniques. Em março de 1972 teremos a estréia do “*Bilhete do João Ferrador*” e a coluna “*Recreação, Cultura e Esporte*” (cf. TRIBUNA METALÚRGICA nº 1, p. 7; TRIBUNA METALÚRGICA, nº 8, p. 4-5)¹¹.

Além de futebol e dos passeios, a nova coluna procurava explicar os “*fatos históricos*” para os trabalhadores metalúrgicos. Pode-se ainda enfatizar a preocupação em organizar bailes, cursos e dicas sobre livros, discos e programas de televisão. Exemplos: *Contos Brasileiros* de Graciliano Ramos, Cartola e o noticiário da TV Bandeirantes¹².

¹⁰ O surgimento da *Tribuna Metalúrgica* e a importância do processo de comunicação sindical é destaque no depoimento de SAMPAIO, 1990. Sobre o mesmo tema v. ARAÚJO, 1991.

¹¹ Entre 1962 e 1964 houve uma iniciativa cultural bastante relevante, a do Centro Popular de Cultura de Santo André. Mesmo num período muito curto de existência é importante ressaltar que o Centro Popular de Cultura do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André foi uma experiência inovadora. Cf. CAMACHO, 1987.

¹² Consultei a *Tribuna Metalúrgica* em suas edições de 1971 a 1980. Cabe salientar uma charge de 1975 na qual em meio

É importante ressaltar que o personagem *João Ferrador* será uma tentativa de aproximação com a categoria. O *Bilhete do João Ferrador* não vem acompanhado de caricatura. O desenho – que aparecerá nos números posteriores do ano de 1972 – representa um trabalhador de boné, escrevendo um bilhete.

Dirigindo-se sempre a alguma autoridade do “meu Brasil grande e potente”, *João Ferrador* (irônico, sutil) indaga e revela o cotidiano cruel dos trabalhadores metalúrgicos e por consequência, da própria classe trabalhadora. O custo de vida, a política salarial, a política habitacional, os acidentes de trabalho serão assuntos prediletos da coluna do personagem.

O tema do custo de vida aliado à política salarial e por conseguinte, à proibição à greve, será apresentado sempre que possível na *Tribuna Metalúrgica*. Em 1974, por exemplo, *João Ferrador* reclama da falta de óleo, de carne e do leite: “da mesma forma que os trabalhadores não podem fazer greve, porque prejudicaria a paz social e o processo de desenvolvimento do país, segundo o governo, também creio que os comerciantes e industriais não tem direito de sonegar mercadorias e inflacionar a economia popular” (TRIBUNA METALÚRGICA, nº 23, p. 3)¹³.

A ponte entre o sindicato e os metalúrgicos

a uma festa no sindicato, um dos participante fala: “Sindicalize-se amigo, e aproveite os bailes e cursos do sindicato”. Nas dicas da diretoria vale registrar “os melhores noticiários da televisão, os do Canal 13, Bandeirantes”. Segundo o jornal, “são mais pobres que os da Globo, é verdade, mas em compensação são muito mais ricos em informações de real interesse para a coletividade. O canal Bandeirantes apresenta muitos programas sindicais. É o que nos interessa, né!” Cf. TRIBUNA METALÚRGICA, nos 28 e 31, 1975.

¹³ Sobre o *João Ferrador*, conferir a entrevista com o jornalista Antônio Carlos Félix Nunes, ex-editor do jornal *Tribuna Metalúrgica* na qual resalta que “João Ferrador foi novidade. Primeiro, saiu sem ilustração, depois com desenho do Henfil e, mais tarde, do Laerte, até virar logotipo do jornal e dos metalúrgicos de São Bernardo” (ARAÚJO, 1991, p. 111). Merece menção ainda um episódio ocorrido em outubro de 1968, quando o Sindicato dos Metalúrgicos de Santos relança o jornal mensal *O Metalúrgico*, cuja publicação havia sido interrompida em 1964. A criação da figura do *Zé Protesto* teria, de acordo com a análise de Braz José de Araújo, alcançando sucesso ao divulgar as denúncias dos trabalhadores. A idéia “passa para outros sindicatos. Surge o *João Ferrador* nos metalúrgicos de São Bernardo, e o *Décio Malho* nos metalúrgicos de São Paulo”. Cf. ARAÚJO, 1985, p. 140-141.

tem no meio do caminho o *João Ferrador* que reclama em nome da categoria e, ao mesmo tempo, desenvolve uma identificação operária. Nesse viés, o personagem *João Ferrador* (outros serão criados no decorrer dos anos, como o *Repórter Metalúrgico* e o *Sombra*) significa a possibilidade das lideranças sindicais aproximarem-se da base operária.

Ao estabelecer um enunciado de força ao se referir a um “sindicalismo atuante e autêntico”, e, conseqüentemente, uma imagem vigorosa, positiva do sindicato, *João Ferrador* busca suscitar uma vontade de participação e mobilização dos trabalhadores metalúrgicos. Cabe frisar que essa intenção encontrava respaldo em outras colunas do jornal. Se o *Bilhete do João Ferrador* tratava de examinar o cotidiano dos metalúrgicos (custo de vida, política salarial, os problemas com a aquisição da casa própria, o desemprego etc.), o objetivo final teria como alvo os próprios trabalhadores. Desenvolvendo, portanto, uma lógica de identificação operária na qual a categoria reconhecia-se pelo trabalho fabril e, necessariamente, como “classe”. Outras colunas irão juntar-se nesse empenho de comunicação sindical: *Nossa Opinião*, *Legislação Trabalhista*, *Notícias das Fábricas*, e o *Repórter Metalúrgico*.

O discurso do Sindicato de São Bernardo é a expressão de um “ato de ruptura”, lembrando Geneviève Bollème, com uma “linguagem de tradição”. Ou seja, a fala sindical produzida no sindicato é a tentativa de registrar o “apelo à palavra operária” que “reclama o enunciado de sensações ou de impressões por aqueles que as sofrem” (BOLLÈME, 1988, p. 131-132). Portanto, o discurso sindical dos metalúrgicos de São Bernardo busca — em tempos tão difíceis — uma linguagem em que a palavra operária não encontre os limites não apenas da imprensa burguesa como também da própria imprensa sindical.

Por isso, duas questões devem ser colocadas: a primeira refere-se ao período repressivo vivido no país nos anos 70, acarretando com isso a censura à imprensa. Decorre daí a segunda questão, pois se o intuito era informar os metalúrgicos para de algum modo atraí-los para o sindicato, não resta dúvida de que a tarefa não era fácil. Percebe-se que a heterogeneidade de temas era fruto não apenas da censura, mas também das dificuldades das gestões sindicais em traçar um projeto específico para o próprio jornal.

Todavia, com o decorrer dos anos — principalmente após as greves de 1978/80 — os dirigentes irão desenvolver e solidificar o perfil da *Tribuna Metalúrgica*. Apenas exemplificando, o *Repórter Metalúrgico* (coluna publicada a partir de 1972 e caracterizada pelo desenho de um trabalhador com capacete e uma máquina fotográfica que focaliza uma espécie de noticiário geral) procurará veicular principalmente as notícias das lutas da “classe trabalhadora” nacional e internacional. Detalhe: o desenho muda após as greves de 78. O *Repórter Metalúrgico* é representado pelo *João Ferrador* a partir de 1979. Contribuindo também no sentido da informação das outras categorias, é lançado o *Suplemento Informativo* diário procurando também angariar novos associados.

Fundamentalmente, o importante a ser ressaltado é que desde 1971 as lideranças sindicais de São Bernardo procuravam — através da *Tribuna Metalúrgica* — sensibilizar os metalúrgicos para a mobilização e luta na “Rua João Basso, 121”¹⁴. Colunas como *Nossa Opinião*, *Notícias das Fábricas*, *Legislação Trabalhista* buscavam suscitar o interesse pelo sindicato. Personagens como *João Ferrador* e o *Repórter Metalúrgico* chamavam para a mobilização do *homem do macacão*.

Logo, foi possível constatar, no que se refere ao universo simbólico da *Tribuna Metalúrgica*, a intenção de instituir um modo adequado de dirigir-se aos operários metalúrgicos e, ao mesmo tempo, representá-los legitimamente. Os recursos gráficos, os artigos, a divulgação das atividades do sindicato — incluindo os cursos, congressos, campanhas salariais, as colunas, as caricaturas, as charges, as histórias em quadrinhos. Enfim, as variações gráficas utilizadas serão fundamentais para uma identificação operária.

Em setembro de 1971 a *Tribuna Metalúrgica*

¹⁴ Local onde está sediado o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema. Em 1993, o Sindicato unifica-se formalmente aos Metalúrgicos de Santo André, constituindo o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, filiado à Central Única dos Trabalhadores, a CUT, consolidando a reunificação dos metalúrgicos de São Bernardo e Diadema com os de Santo André e região, restando de fora o Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano do Sul, filiado à Força Sindical. No entanto, embora os dois sindicatos continuem formalmente juntos, a unificação se mostrou bastante problemática na prática, estando o Sindicato de Santo André impulsionando no momento um processo de separação.

nº 3 publica a realização de um evento – um ciclo de conferências – realizado no mês de agosto pelo sindicato na colônia de férias da Federação dos Metalúrgicos na Praia Grande. Os temas discutidos foram: “sindicalismo histórico, contemporâneo e perspectivas futuras, política salarial e convenção coletiva, legislação trabalhista e previdência social no INPS”. Certamente, o intuito da diretoria era evidentemente congregar o maior número possível de diretores e associados da entidade. Afinal, de acordo com a matéria veiculada, o “sindicato forma companheiros para as nossas lutas sindicais!”.

O que poderíamos considerar um simples “acontecimento operário” é potencializado ao máximo pela diretoria do sindicato. Novamente, vamos assistir ao empenho da participação dos trabalhadores.

A diretoria do sindicato procurava participar de todos os eventos realizados no país e fora dele. Era uma maneira de pelo menos discutir e reivindicar os assuntos de interesse dos trabalhadores.

Se os dirigentes sindicais de São Bernardo apostavam na frequência ativa nos encontros e congressos, de modo a unificar e aproximar a base operária metalúrgica (nacional e internacionalmente), a possibilidade também de organizar os seus próprios eventos tornar-se-ia uma ponte de ligação fundamental com a categoria.

Em julho de 1974 a *Tribuna Metalúrgica* convidou 500 entre os vinte mil associados do sindicato (em razão do espaço da sede) para o I Congresso de Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, que realizar-se-ia entre 06 e 08/09/74. Pela primeira vez na história do sindicato seria implementado um congresso de trabalhadores para discutir e deliberar sobre os problemas que afligiam os metalúrgicos.

A realização do congresso representou um momento particular na militância em torno do sindicato e a ampliação de sua presença nas bases, ou pelo menos entre o grupo de ativistas que se destacava no interior das empresas. O congresso significou também a oportunidade de as experiências, até então vividas fragmentadamente dentro das fábricas ou até mesmo em algumas seções, comunicarem-se e adquirirem um referencial mais coletivo, o que por sua vez iria reverter para a continuidade do trabalho localizado.

Nas resoluções do I Congresso, alguns aspectos foram objetos de especial análise. Como “polí-

tica salarial, política salarial das empresas, condições de trabalho, segurança no trabalho, rotatividade da mão-de-obra e situação das empresas”. Por fim, os participantes do I Congresso definiram os princípios e os objetivos da categoria: 1) “Reconhecimento da liberdade sindical [...] com a conseqüente revogação das restrições contidas na C.L.T.”; 2) Formação de uma lei básica do trabalho, encerrando os direitos principais, fundamentais e comuns a todos os trabalhadores que vivam de salários, em regime de emprego, a partir das condições mínimas hoje asseguradas; 3) Total liberdade para o exercício do direito à Contratação Coletiva de trabalho [...]; 4) Implantação e manutenção de cursos de capacitação sindical destinados a todos os associados [...]; 5) Realização de reuniões mensais sem caráter deliberativo [...] incluindo-se palestras e debates [...]” (TRIBUNA METALÚRGICA, nº 25, p. 5)¹⁵.

Com certeza o I Congresso dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo constituiu-se um movimento decisivo na ampliação de uma liderança sindical que começou a estreitar as relações entre a fábrica e o sindicato. Sobretudo, definiu o sindicato como “lugar de luta”, onde os trabalhadores unidos buscariam soluções coletivas. Enfim, passou a se distinguir como o “novo sindicalismo”.

Em 1974, as lideranças sindicais apostaram em um veículo de educação de extrema importância para o universo operário. Trata-se da criação do Centro Educacional Tiradentes – CET — que iniciou suas atividades em 15 de janeiro daquele ano com um curso de madureza. Os cursos profissionalizantes foram criados no segundo semestre de 1974 em convênio com a Escola SENAI Almirante Tamandaré, de São Bernardo. Na visão dos dirigentes do sindicato, o CET foi fundado porque havia uma demanda na categoria tanto por cursos

¹⁵ De acordo com Sílvia M. Manfredi a implantação de cursos de capacitação indicaria “a preocupação com atividades educativas que pudessem ser utilizadas como espaços para atrair e estimular a participação dos trabalhadores em seus sindicatos. [...] O que há de novo nas propostas de encontros, congressos e cursos de capacitação neste período é o surgimento de uma perspectiva de educação nascida da iniciativa dos próprios dirigentes e militantes sindicais, tendo em vista as necessidades específicas do próprio movimento”. Cf. MANFREDI, 1986, p. 110-111. Ver ainda da mesma autora, “Os anos 70/80 – tempos de resistência e construção de um modelo de formação próprio” (MANFREDI, 1996, p. 111-143).

profissionalizantes (haja vista, a preocupação expressada na *Tribuna Metalúrgica* desde 1971 por uma escola profissional) quanto por madureza¹⁶.

Mais uma vez a diretoria, além de procurar se aproximar dos metalúrgicos e fortalecer o sindicato através do CET, também pretendia aumentar sua representatividade e controle sobre a entidade. No entanto, concordando com Antônio A. Primo, é “significativo” que a então diretoria tenha “usado parte do imposto sindical repassado pelo Ministério do Trabalho para criar uma escola, pois a maioria dos sindicatos de metalúrgicos do Estado de São Paulo não fazia isso. Nos limites impostos pela conjuntura ditatorial brasileira, era preciso ter criatividade para fortalecer os movimentos sociais e para resistir ao avanço das forças conservadoras que os haviam derrotado no golpe de 1964. O CET, mesmo que não tenha sido intencionalmente fundado com este caráter político, na prática dos anos seguintes serviu como um dos elementos de fortalecimento do sindicato” (PRIMO, 1996, p. 15-16)¹⁷.

É bom ressaltar que no 1º semestre de 1978 o curso de madureza foi substituído pelo supletivo. De acordo com Antônio A. Primo, essa decisão “foi amadurecendo aos poucos e fazia parte de um projeto cultural e educacional em implantação no sindicato, que visava politizar a categoria, [...]” (PRIMO, 1996, p. 53).

Entre os docentes do CET entrevistados por Antônio A. Primo, “houve consenso de que os sindicalistas tinham interesse em fazer esse projeto cultural e educacional para fortalecer o movimento dos trabalhadores da região. Para alguns deles, influenciados por idéias marxistas, [...] também

¹⁶ Entre os “sete diretores efetivos da gestão 1972-75, Luís Inácio da Silva e Rubens Teodoro de Arruda estudavam em Madureza de 1º grau, assim como os operários Djalma de Souza Bom da Mercedes e Luís dos Santos, o Lulinha da Ford, trabalhadores da base sindical da diretoria” (PRIMO, 1996, p. 5). Sobre a criação do Centro Educacional Tiradentes – CET – consulte também *TRIBUNA METALÚRGICA*, nos 1 a 56, 1971-1980.

¹⁷ Na década de 70, o sindicato de Santos criou uma escola. Tratava-se do Colégio dos Metalúrgicos — CEMETAL —, inaugurado em 17 de março de 1976 pelo Sindicato dos Metalúrgicos da Baixada Santista. Além dos cursos profissionalizantes e supletivos de 1º e 2º graus, o CEMETAL procurava “formar e informar o trabalhador em todos os ângulos: sindical, político, cultural etc.” (ARAÚJO, 1985, p. 256).

interessava educar para politizar os trabalhadores [...]” (PRIMO, 1996, p. 42).

É importante salientar que para as lideranças sindicais de São Bernardo a educação operária envolve aspectos políticos e culturais que buscam promover a dignidade dos trabalhadores como cidadãos. Isto é, a formação profissional e a formação escolar são importantes para os metalúrgicos como categoria. E mais, está óbvio que a educação básica formava homens nas letras e na política.

Em 1975 o jornal *Tribuna Metalúrgica* veiculava um artigo (“O teatro está perto de você”) sobre o Grupo Ferramenta de Teatro. Vale ressaltar um trecho: “um grupo de pessoas, como você, concordou em reduzir o seu fim de semana, trabalhando neste, a fim de que você tenha realmente um fim de semana agradável, e uma vez apoiado pelo sindicato, esse grupo que eu disse, “Grupo de Pessoas” passou a agir consciente em busca de um fim comum. [...] coletando elementos no nosso próprio meio, ou seja, elementos que trabalham a semana toda nas indústrias metalúrgicas, e que no fim desta, ou seja, nos seus dias de folga, deixam de lado as ferramentas usadas no trabalho nas fábricas, e pegam aquelas, as quais são usadas num trabalho cultural. Assim se formou um grupo de teatro, o qual se deu o nome de “GRUPO FERRAMENTA DE TEATRO”. [...] É objetivo do nosso “Ferramenta”, nosso e também seu, companheiro: difundir a cultura, aprimorar os nossos conhecimentos, dar uma melhor divulgação do teatro no nosso meio, [...]. [...] estaremos sempre pertinho de você, apresentando-lhe algo que você goste, que o distraia, que o descanse e também que faça você pensar, porque, este algo é da realidade. [...] Companheiro, você é parte importante de nosso trabalho [...]. Para o “Grupo Ferramenta de Teatro” esse trabalho representa uma caminhada, buscando difundir o teatro popular nos meios fabris [...]” (*TRIBUNA METALÚRGICA*, nº 28, p. 7)¹⁸.

¹⁸ Desde 1974, “alguns professores do CET formaram um grupo de teatro, enquanto outros alunos organizaram um grupo de samba. Tempos depois, criariam o Grupo de Teatro Ferramenta, pelo qual passaram sindicalistas como Expedito Soares, autor do texto “Ele cresce e eu não vejo”, encenado pelo grupo; advogados como o Dr. Raimundo Simão Melo, funcionário do Departamento Jurídico do sindicato nos anos 70 e atualmente procurador em Campinas; e Ângela Sabóia, ex-aluna metalúrgica, hoje diretora de uma escola estadual na região” (PRIMO, 1996, p. 11). As atividades teatrais dos

A apresentação do Grupo Ferramenta aconteceu na festa de posse da nova diretoria eleita para o triênio 75/78. Entre as várias atrações da posse, festa, show musical e baile, o teatro estava presente. Assim no dia 20 de abril na sede do sindicato, o Grupo Ferramenta encenou duas comédias de Martins Pena: “*O Caixeiro da Taverna*” e “*Quem casa quer casa*”. O jornal *Tribuna Metalúrgica* ressalta que a representação foi feita pelo grupo “*formado e mantido pelo sindicato, como parte das suas atividades culturais e constituído por associados da entidade*” (TRIBUNA METALÚRGICA, nº 28, p. 5).

Como mostra do interesse no campo cultural, indo além do trabalho incipiente que vinha sendo realizado desde 1971, o sindicato de São Bernardo dava novas provas de vitalidade. Em 1976, o “Departamento Cultural” é inaugurado com uma palestra do economista Valter Barelli, então diretor técnico do DIEESE. O novo departamento tem interesse em desenvolver “atividades de cunho cultural e educativo, algumas relativas ao divertimento e outras à luta do dia-dia dos trabalhadores”. Para esta finalidade específica, que “constitui uma inovação em termos de atribuições sindicais, nosso órgão de classe destinará uma boa parte dos seus recursos financeiros”. Desse modo, mesmo reconhecendo que o sindicato já vinha desenvolvendo atividades, como o Grupo Ferramenta de Teatro, os bailes, a realização de palestras, entre outras, o esforço é redobrado. Assim, “sentindo a importância de tudo isso, e com vistas à uma maior ligação com a categoria, resolveu a diretoria criar esse departamento que centralizará todas as nossas atividades culturais, educacionais e recreativas, com maior possibilidade de desenvolvê-las e, inclusive, de ampliá-las”. Portanto, “todos os fins de semana, você encontrará dentro do seu próprio sindicato os motivos de lazer, assistindo as peças teatrais e filmes selecionados, ouvindo palestras de grande alcance social, assim como participando de cursos sobre sindicalismo e questões trabalhistas”¹⁹.

metalúrgicos do ABC podem ser vistas em FESTA, 1984; CAMACHO, 1987, e ALMEIDA, 1996.

¹⁹ “Um departamento para aumentar a cultura dos nossos associados” (TRIBUNA METALÚRGICA, nº 36, 1976, p. 7). Outra iniciativa cultural promovida pelo sindicato foi a comemoração do 1º de maio de 1976. Em primeiro lugar, apresentou-se o “Jogral 1º de maio” composto por elementos do Grupo Ferramenta de Teatro e em segundo foram conhecidos os resultados de um concurso realizado entre os

Cabe recordar uma passagem – em uma discussão na Escola Normal Superior de Paris no final dos anos 60 – de Marcel David: “o movimento sindical convence-se pouco a pouco de que, para permitir aos militantes que cumpram as suas tarefas, não basta ensinar-lhes economia política, direito, contabilidade – mas que é necessário integrar na formação que lhes é dada, outras dimensões da cultura, as quais, de qualquer modo, invadem a vida do trabalhador; o sindicalismo, se não quiser ficar separado das massas, tem de se preocupar com isto” (DAVID, 1974, p. 304). Com certeza, os sindicalistas de São Bernardo mesmo que não estando cientes dessa discussão, souberam articular comunicação, educação e cultura de modo exemplar nos anos 70-80.

Assim sendo, o departamento cultural do sindicato implementa os mais diversos eventos. Por exemplo, em agosto de 1976 acontecem duas sessões de teatro com a peça *Epidemia*, um curso sobre pintura e outro a respeito de fotografia, cinema e literatura, e sessões de cinema, com o filme *Meu Ódio Será Sua Herança* (*The Wild Bunch*, 1969, EUA) de Sam Peckinpah. No mês seguinte, foi apresentada a peça *O Inspetor Geral*, com o grupo de teatro de Santo André, Tear. Ocorreram ainda a festa da criança e uma excursão com os alunos do Centro Educacional Tiradentes²⁰.

“Neste setembro, teremos nosso Congresso, aqui em casa”. Esta é uma das manchetes estampadas pela *Tribuna Metalúrgica* nº 36, de agosto de 1976. Durante três dias, cerca de 400 congressistas, representando os companheiros das fábricas, debateram os problemas dos locais de trabalho e os grandes problemas nacionais. As conclusões do II Congresso incidiram sobre questões pormenorizadas, entre as quais: “aspectos salariais,

alunos do Curso de Madureza. Maiores detalhes ver RAINHO & BARGAS, 1983, p. 63.

²⁰ “Atividades do Departamento Cultural” (TRIBUNA METALÚRGICA, nº 38, 1976, p. 7). Merecem destaque ainda outras programações culturais citadas no jornal, tais como, a exibição do filme *Ver-te-ei no Inferno* (*The Molly Maguires*, 1970, EUA), de Martin Ritt, sobre a saga de um vingativo bando de mineiros que ingressam na clandestinidade e se transformam em terroristas numa mina da Pensilvânia, em 1876. O mesmo Ritt mostrou o processo de conscientização de uma operária têxtil em *Norma Rae* (1979, EUA). Houve também a realização da Feira de Ciência, com trabalhos dos alunos da escola do sindicato e no mês de novembro a promoção de um baile.

horário de trabalho, férias e descanso semanal, garantia de emprego, condições de trabalho, garantias sindicais e assistência aos trabalhadores”.

Em dezembro de 1976, o jornal *Tribuna Metalúrgica* publica um balanço das atividades desenvolvidas pelo sindicato. Apresenta os serviços prestados pelos departamentos jurídico, previdenciário, odontológico, médico e cultural. Algumas promoções, entre tantas, foram citadas, como a palestra *Considerações sobre Acidentes do Trabalho e Doenças Profissionais* com o dr. Antônio Possidônio Sampaio, as peças de teatro e os filmes, as atividades da escola do sindicato, enfim, o balanço de um departamento cultural voltado para a *Escola, Divulgação, Estatística, Arte e os Divertimentos* (TRIBUNA METALÚRGICA nº 39, p. 5).

Outras iniciativas de mobilização também foram propostas e efetivadas como os debates operários. Em fevereiro de 1977, por iniciativa da diretoria, realizou-se com a participação de seis trabalhadores pertencentes a empresas diferentes (Ford do Brasil, Carjac, SAAB-Scania, Brastemp, IGB e Ardeb) um debate no sindicato sobre o tema horas extras. “Qual a razão de se fazer hora extra nas fábricas? Seria porque somos acomodados e preferimos, por isso, as soluções mais fáceis para nossos problemas econômicos imediatos? Ou seria porque somos realmente pressionados pelos patrões, mediante ameaças de toda ordem?” (TRIBUNA METALÚRGICA nº 40, p. 10). Ao reproduzir o debate, o jornal alcançava um número certamente promissor de leitores interessados (ou que poderiam interessar-se) em uma questão tão polêmica. Fundamentalmente, o debate propiciava a troca de experiências, a aproximação da diretoria com a base e, sem dúvida, a circulação impressa do tema proposto e o seu respectivo esclarecimento.

Essa estratégia era considerada importante para a discussão da pauta de reivindicações da campanha salarial. Mas não ficou só nisso. Enquanto o sindicato desenvolvia a campanha com os conhecidos recursos tradicionais, outra atividade cultural agitava os trabalhadores. A peça teatral *Ele Cresce e Eu Não Vejo*, escrita por Expedito Soares Batista, título aliás inspirado na campanha contra a hora-extra, procurava construir um canal efetivo de acesso aos metalúrgicos²¹.

²¹ Uma seleção dos trechos mais importantes da peça teatral *Ele cresce e eu não vejo* pode ser encontrado no livro de FRE-

Em julho o jornal *Tribuna Metalúrgica* publica o relatório das atividades do sindicato referentes ao exercício de 1976, no qual procurava amarrar a estruturação de todo um trabalho. Trabalho esse desenvolvido com insistência na campanha salarial de 76, no Conselho de Coordenação de Trabalho de Base (CCTB), em cultura e recreação e no II Congresso dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema²².

Entre 1977 e 1978 continuam as investidas culturais. Merece destaque o filme feito para o sindicato, *Acidentes de Trabalho*, que acabou sendo premiado durante a VI Jornada Brasileira de Curta Metragem, realizada em Salvador, Bahia. A fita aborda o problema dos acidentes de trabalho do ponto de vista do trabalhador, sendo o principal prejudicado e a grande vítima das ocorrências. Segundo o jornal *Tribuna Metalúrgica*: “O nosso filme procura dar uma idéia desse outro lado da questão, que a propaganda oficial e as campanhas de prevenção de acidentes que se conhecem não aprofundam” (TRIBUNA METALÚRGICA, nº 43, p. 2)²³. É possível afirmar que as apresentações teatrais, os cursos da escola do sindicato, as festas, os passeios e os bailes pretendiam “sacudir” os trabalhadores.

Em dezembro de 1977, a *Tribuna Metalúrgica* estampa a seguinte manchete: “Desta vez, elas vão mandar e falar”, estava sendo lançada a idéia da realização do I Congresso da Mulher Metalúrgica. Após os dois congressos para debaterem os problemas da categoria, surge a intenção de abrir espaço para as operárias tratarem de sua situação no mercado de trabalho. É importante observar que foi uma iniciativa pioneira da diretoria masculina do sindicato, apesar de não partir das próprias operárias (cf. TRIBUNA METALÚRGICA

DERICO, 1979, p. 39-48. Maiores detalhes da Campanha Salarial de 1977, ver PARANHOS, 1999, p. 89-102.

²² “Aqui o que o sindicato fez em 1976” (TRIBUNA METALÚRGICA, nº 42, 1977, p. 4). Em abril de 1977, o jornal anunciava a estréia (no mês de maio) da peça *Guerra Mais ou Menos Santa*, do Grupo Ferramenta de Teatro. Ver TRIBUNA METALÚRGICA, nº 41, 1977, p. 6.

²³ É importante esclarecer que o filme *Acidentes de Trabalho* foi realizado pela dupla Olga Futemma e Renato Tapajós, sendo que Tapajós foi contratado pela diretoria em março de 1977 para filmar as lutas dos operários do ABCD. Em 1977, tivemos também a promoção pelo sindicato de um “curso de sindicalismo” e a “I Feira de Arte do Metalúrgico”. Ver RAINHO & BARGAS, 1983, p. 63.

n^{os} 40 e 41, 1977).

Assim, realizou-se nos dias 21 e 28 de janeiro de 1978 um Congresso de Mulheres Metalúrgicas. Das 800 operárias inscritas (10% das quase 8 mil metalúrgicas de São Bernardo e Diadema, à época) participaram somente 300 empregadas de 30 empresas, seja devido à ameaça de dispensa que muitas sofreram ou então porque nos dois sábados (21 e 28) do encontro, muitas empresas, no intuito de boicotar a participação de suas operárias, marcaram “compensação” pelo feriado de segunda-feira de carnaval. E ainda não se pode descartar a falta de interesse ou entusiasmo para participar de um congresso programado pelos diretores sindicais e não pelas próprias metalúrgicas.

Desse modo, a *Tribuna Metalúrgica* publica amplamente o que de fato interessava: as denúncias sobre as más condições de trabalho, os baixos salários, as pressões de chefias, a discriminação proposital e maus-tratos, enfim, situações difíceis como o controle ao banheiro pela chapinha.

Ao promover o congresso a diretoria sindical procurava incitar as companheiras não apenas para o debate e o esclarecimento de questões pontuais, afirmava sobretudo o “lugar da luta” para a discussão desses assuntos. Procurava principalmente apagar certas expressões corriqueiras do dia-a-dia: “lugar de mulher de metalúrgico é de dia no tanque e de noite no ferro”; “lugar da mulher é em casa e que não tem nada que se meter em sindicato ou em política que são assuntos só de homem”.

A greve de 78 – que produziu um sem-número de produções teóricas e depoimentos em revistas, boletins e textos mimeografados – levantou profundas discussões nos rumos do sindicalismo brasileiro. No número 47 do jornal *Tribuna Metalúrgica*, João Ferrador relata a participação dos “autênticos dirigentes sindicais brigadores” no 5º Congresso Nacional dos Trabalhadores na Indústria (C.N.T.I.) de 24 a 29 de julho de 1978, no Rio de Janeiro. Nessa ocasião, houve o lançamento de uma *Carta dos Dirigentes Autênticos*. Outra chamada importante é a divulgação do III Congresso dos Metalúrgicos que seria realizado nos dias 6, 7, 8, 14, e 15 de outubro com o tema estrutura sindical brasileira.

O redator responsável pela *Tribuna Metalúrgica*, Antônio Carlos Felix Nunes, também contribuiu nessa discussão ao veicular o livro *Além*

da Greve, que trata das aventuras de Vandelício Mascarenha e do surgimento do novo sindicalismo. Através deste livro “pode-se avaliar quanto nociva é a estrutura sindical brasileira” (TRIBUNA METALÚRGICA, n^o 47, p. 10)²⁴.

O III Congresso ocorreu na colônia de férias dos metalúrgicos no Guarujá com cerca de “400 companheiros”. As resoluções do Congresso, intituladas “Eis o projeto de novo sindicalismo”, foram as seguintes: autonomia e liberdade sindical, contrato coletivo, obediência à convenção 87 da OIT, pleno exercício da greve, unidade e pluralidade sindical, sindicatos únicos (em cada ramo de produção ou de serviços), Central Única dos Trabalhadores, comissões de empresas e delegados sindicais, eleições sindicais diretas e fim do imposto sindical.

João Ferrador é enfático ao observar que a estrutura sindical vigente “não presta e precisa ser profundamente modificada. [...] E será na prática, usando a inteligência e forjando nossa união, que construiremos a estrutura sindical ideal. [...] Por isso, devemos traçar um programa de ação viável e lutar para concretizá-lo. Assim, devemos nos empenhar até o próximo congresso para concretizar o seguinte: Organizar as comissões de empresa, [...]. Promover a realização de cursos de formação sindical para os membros das comissões de fábrica. Realizar reuniões por empresa, para iniciar o trabalho de formação das comissões em nossa base. [...] O planejamento das finanças do nosso sindicato deverá ter por objetivo torná-lo cada vez menos dependente da contribuição sindical. Intensificar as campanhas de sindicalização” (TRIBUNA METALÚRGICA, n^o 48, p. 5-8; grifos meus).

As resoluções do III Congresso foram amplamente divulgadas por meio de sua transposição para uma história em quadrinhos, tendo como personagem central o João Ferrador, num trabalho de criação de Henfil e Laerte. Esse trabalho serviu também para personalizar ainda mais o João Ferrador de “braços cruzados”, ou exibindo o “polegar da vitória”. Desde então, ele passou a ser reconhecido não apenas nos jornais e nos folhetos. Mas também aparecendo em camisas, bonés, broches etc.

Nos primeiros anúncios de 1979, João Ferrador indicava os livros que “falam da gente”. O

²⁴ Consulte também NUNES, 1978.

primeiro a ser apresentado era do advogado Antônio Possidônio Sampaio, que lançava *A Capital do Automóvel*. O editor do jornal *Tribuna Metalúrgica*, Antônio Carlos Felix Nunes, também lançou o livro *Além da Greve*, referido anteriormente. Não esquecendo a peça teatral de Henfil, *Revista do Henfil*, e os bailes de carnaval. Aliás, cabe reproduzir o conselho do *João Ferrador* com relação à peça teatral: “diverte e, ao mesmo tempo, ensina muita coisa sobre a luta que devemos ainda fazer. No momento em que se discute a participação dos trabalhadores em partido político, é bom ver essa peça” (TRIBUNA METALÚRGICA, nº 50, p. 15)²⁵.

Outra iniciativa de mobilização dos trabalhadores (citada anteriormente) – de fundamental importância no campo da comunicação sindical – é a veiculação de um suplemento diário. O *Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica* é um investimento como tantos outros na formação e no esclarecimento dos “companheiros” (SUPLEMENTO INFORMATIVO DA TRIBUNA METALÚRGICA, fevereiro, 1979).

Em maio de 1979, um grupo de operários e filhas de operários metalúrgicos reunia-se na sede do sindicato, que há menos de dez dias estava sob intervenção. O grupo pretendia “realizar um trabalho cultural a partir do sindicato, que além de ser uma opção de lazer, pudesse também contribuir no crescimento e avanço da consciência da classe operária. [...] O teatro era arma. [...] Formou-se assim o Grupo de Teatro Forja do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. [...] Mas não era a primeira vez que esses operários se reuniram para falar de teatro. Alguns já haviam participado do extinto Grupo Ferramenta também do sindicato” (cf. URBINATTI, 1981, p. 9; ver também FESTA, 1984, especialmente p. 99-101).

Já em fins de 1978, na preparação da campanha salarial para 1979, esse grupo de trabalhadores metalúrgicos havia se organizado para montar uma peça que pudesse ajudá-los no esclarecimento e na mobilização da categoria em torno do “contrato

coletivo de trabalho”, que era o eixo principal da campanha. Baseado em entrevistas, Tin Urbinatti, coordenador geral, escreveu um “esquete ‘curto e grosso’”: “O Contrato”, que em menos de um mês foi montado e apresentado no sindicato e nos bairros.

Depois da greve e da intervenção, o Grupo Forja estava criado e tinha definido alguns de seus objetivos: “atuar no sindicato, nos bairros e favelas onde moram os metalúrgicos; montar peças mais elaboradas artisticamente e peças mais simples (esquetes) para auxiliar mais diretamente nas campanhas deflagradas pelo sindicato” (URBINATTI, 1981, p. 10)²⁶.

As lideranças sindicais, ao promoverem as atividades do departamento cultural e ao apoiarem as investidas teatrais dos trabalhadores, procuravam construir laços sólidos com a sua categoria. A greve de 79, marcada pela intervenção no sindicato, acaba paradoxalmente produzindo um novo “lugar da luta”: o Fundo de Greve. Escaldados com a experiência de 78, os líderes sindicais propuseram a criação do fundo de greve, “que nos dará uma retaguarda maior nas lutas futuras contra os patrões exploradores e seu governo opressor”. Dentre as linhas a serem seguidas pelo Fundo pode-se destacar, por exemplo, arrecadar fundos, apoiar outras categorias, promoção de atividades nos bairros para arrecadação, motivar a internacionalização da solidariedade dos povos, efetivar debates dentro das fábricas e nos bairros. Os Estatutos da Associação Beneficente e Cultural dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, nome oficial do Fundo de Greve, foram aprovados em 07 de outubro de 1979. Em 28 de agosto de 1980, saiu o registro da Associação. Desta forma, no artigo 1º é ressaltado que a Associação, com sede própria (mantendo autonomia em relação ao sindicato), é constituída com as seguintes finalidades: “prestar auxílio financeiro ou em espécie aos trabalhadores metalúrgicos; arrecadar fundos para assistir estes mesmos trabalhadores quando participantes em movimentos reivindicatórios ou que tenham sofrido represálias por causa deles; promover o nível cultural dos metalúrgicos mediante seminários, debates, shows, conferências e painéis e desenvolver o espírito de solidariedade entre os trabalha-

²⁵ Vale registrar as outras peças de teatro que o *João Ferrador* indicava (no final de 1978) para os trabalhadores assistirem: *Desgraça de Uma Criança* de Martins Pena, com Grupo de Teatro Popular do SESI; *Liberdade Camará* de Miroel Silveira, encenada pelo Grupo ZUMBI do Centro Cultural Guimarães Rosa; e *A Farsa do Truco e O Padre e o Cangaceiro*, de Chico de Assis. Ver TRIBUNA METALÚRGICA, no 47, 1978, p. 11.

²⁶ Maiores detalhes das greves de 78 e 79, ver PARANHOS, 1999, p. 147-193.

dores” (ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE E CULTURAL DOS METALÚRGICOS DE SÃO BERNARDO DO CAMPO E DIADEMA, 1980, p. 1).

A constituição do Fundo de Greve significa a movimentação dos trabalhadores em mais um “lugar da luta”. Assim como a fábrica, o sindicato, o Paço Municipal, o Estádio de Vila Euclides, a Praça da Igreja Matriz e os bairros. Para isso, a partir de 1980, o jornal *Tribuna Metalúrgica* e o *Suplemento* propagam freqüentemente não apenas os cursos da escola do sindicato, as atividades do departamento cultural e o apoio ao Grupo de Teatro Forja, mas também a importância da Associação: “venha contribuir para seu fundo de greve”.

Cabe esclarecer que no final de 1979 a diretoria do sindicato decidiu encerrar as atividades do CET. Com o supletivo fechado – em função de inúmeros fatores²⁷, procurou-se manter e divulgar amplamente os cursos profissionais básicos, através de convênios com o Senai. É importante destacar que “o fechamento do supletivo ocorreu, principalmente, porque houve uma mudança na situação política e sindical: no final da década de 70 a organização do movimento passava mais pela criação das comissões de fábrica, pela formação sindical dos metalúrgicos, pela profissionalização de mais diretores, pela expansão dos meios de comunicação do sindicato. Portanto, os investimentos deveriam mudar de rumo, ou seja, da manutenção do supletivo e outras atividades assistenciais para a organização de base. A escola havia esgotado sua importância de meio auxiliar no movimento. [...] Agora, convinha formar sindicalistas por outras vias” (PRIMO, 1996, p. 105).

No dia 7 de março de 1980 o *Suplemento* propagava a estréia do *Sombra*, denunciando as irregularidades nas fábricas. As notícias da Ford, da Brastemp, da Volks, entre outras, irão se juntar às do Fundo de Greve (“Baile para ajudar o Fundo de greve da categoria. Compareça...”). Assim como as notícias do Teatro: “Pensão liberdade” é o nome da peça que “o grupo Forja, formado por trabalhadores, irá apresentar domingo dia 9 às 20 horas, no auditório do sindicato. [...] Compareça e traga a sua família” (SUPLEMENTO INFOR-

MATIVO DA TRIBUNA METALÚRGICA, 7/3/1980)²⁸.

O Grupo Forja realizou no início do ano de 1980 uma pré-estréia da peça, para os parentes dos atores, membros da comissão de salário e alguns diretores do sindicato. A estréia da peça *Pensão Liberdade* aconteceu no dia 9 de março, na sede do sindicato, que estava totalmente ativado para a campanha salarial.

No dia seguinte à estréia apareceu uma pessoa procurando o departamento cultural do sindicato, e encontrando o seu diretor identificou-se como agente da Polícia Federal. Solicitava que fossem encaminhadas três cópias do texto *Pensão Liberdade* àquela repartição. Aliás, é importante evidenciar que a peça registra como o operário vê os seus problemas, as lutas, o seu trabalho. Narra o que é a vida do operário através do dia-a-dia em uma pensão. Os temas dispostos mostram a luta na fábrica, o desemprego, o escritório, a escola, o sindicato, a assembléia, a greve e o piquete.

Assim, o Grupo Forja continuava a apresentação da peça no sindicato. Enquanto isso, os trabalhadores metalúrgicos entraram em greve. As apresentações teatrais e as ações do Fundo de Greve agitavam o cenário São Bernardo. Em plena greve a Associação, mais do que nunca, procurava agilizar as suas atividades. Tais como: a distribuição de alimentos às famílias dos operários e a confecção de cinco mil camisetas, com o desenho do *João Ferrador* para serem vendidas e o dinheiro posteriormente arrecadado pelo Fundo.

Todavia, houve novamente a intervenção no sindicato de São Bernardo. A partir desse instante, uma violenta repressão se desencadeou sobre o movimento grevista. Bombas, espancamentos e prisões eram rotina.

Após o término da greve de 80, os líderes sindicais cassados continuam dando sua contribuição. Mesmo afastados do sindicato eles procuravam organizar e preparar as lutas mais imediatas. O Fundo de Greve também estava nessa “briga dos diabos”. Distribuindo alimentos e remédios, pro-

²⁷ Um dos motivos para a extinção do CET foram as disputas internas e a troca de críticas entre diretoria e corpo docente, particularmente com os professores ligados a agrupamentos de esquerda. Cf. PRIMO, 1996, p. 97-105.

²⁸ Consultei também “Associação. Venha contribuir para seu fundo de greve” (TRIBUNA METALÚRGICA, no 56, 1980, p. 8). Como já havia mencionado anteriormente, o “*Sombra*” é outro personagem de “briga” veiculado pelo jornal, a exemplo do *João Ferrador*.

movendo uma campanha da associação com distribuição da ficha de inscrição, nas portas das fábricas; vendendo livros produzidos pela Associação e organizando o “Bazar da Pechincha”: “Durante dois dias inteiros, o companheiro vai poder comprar bem barato roupas novas e usadas, todo tipo de material de artesanato, livros, camisetas e bonés do João Ferrador e até rever e bater papo com outros companheiros, tomando uma pingui-nha e comendo uma pipoca” (TRIBUNA METALÚRGICA, nº 58, p. 7)²⁹.

No decorrer dos anos 1971-1980, as matérias veiculadas pelas lideranças sindicais enfatizaram crescentemente as campanhas salariais, os cursos, os congressos, as notícias culturais, as discussões sobre as possibilidades de luta na “cidade operária”, as “Notícias das Fábricas”, os esclarecimentos das leis trabalhistas, as lutas nas fábricas, o cotidiano dos operários, a própria importância do sindicato (atendimento dos trabalhadores, denúncias de empresas, assembléias e reuniões) e as greves de 1978-1980. Cabe recordar que as greves serão precedidas pela campanha pela reposição em 1977; que procurou engajar o maior número de trabalhadores com a distribuição do jornal e de um abaixo-assinado nas fábricas, entre outras medidas. A diretoria – que auto-intitula-se o “novo sindicalismo” – enfrentará as greves (1978-80) e procurará sempre orientar os grevistas: “O sindicato é o único órgão em que devemos confiar para resolver os nossos problemas” (TRIBUNA METALÚRGICA nº 49, 1978, p. 1).

Assim, as matérias veiculadas a partir das greves de 1978 continuaram cada vez mais a estender o universo simbólico de identificação: as mensagens do *João Ferrador* a cada número sofrem uma mudança de imagem: agora de corpo inteiro, gesticulando, apontando, ironizando, debochando. As histórias em quadrinhos são freqüentes. As matérias sobre a participação política dos trabalhadores (sobre “Partido dos Trabalhadores” – recém-fundado por alguns membros da diretoria e por outros segmentos sociais); os desenhos e as charges; as festas e os bailes; as peças de teatro e os filmes; os bazares (para divulgação de livros) e a própria utilização de cores berrantes (vermelho,

principalmente) para o estímulo à leitura³⁰.

Corria o ano de 1981. O Grupo de Teatro Forja estava apresentando três trabalhos: *Operário em Construção*, baseado em poesias de Vladimir Maikóvsky, Vinícius de Moraes e Tiago de Melo. E duas peças de teatro de rua – *A Greve de 80 e o Julgamento Popular da Lei de Segurança Nacional e Greve do ABC*. As duas últimas eram apresentadas nas ruas, praças, na Vila Euclides (Estádio 1º de Maio), ou seja, nos locais onde a diretoria cassada realizava as assembléias da campanha salarial de 1981, pois o sindicato estava sob intervenção federal.

Sem “a sua casa”, “sua oficina de trabalho que era o sindicato”, o Forja utilizava o espaço do Fundo de Greve. Com estas peças, o Forja “cumpria seus objetivos: 1) fazer um teatro que fosse uma opção cultural, de lazer para os trabalhadores e 2) cumprir a função social do teatro de fornecer subsídios para a reflexão da própria vida e realidade”³¹.

O Fundo de Greve continuava promovendo atividades das mais diversas para a mobilização dos trabalhadores na campanha salarial de 81. Os bailes eram uma medida freqüentemente utilizada pelos líderes sindicais. Serviam para arrecadar fundos, para a troca de experiências de vida, namoros e, quem sabe até discutir algo sobre a campanha. É interessante observar que nas assem-

³⁰ Ao consultar os jornais *O Metalúrgico* (Órgão Oficial do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias M. M. e de Material Elétrico de São Paulo), *Zé Ferrugem* e *O Metalúrgico* (Órgão Oficial do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Recife, Olinda Paulista, Igarassu, São Lourenço da Mata, Jaboatão e Cabo), foi possível constatar que a partir do final dos anos 70 (1979) esses veículos começaram a se preocupar com inovações de linguagem e imagem. A exemplo do jornal *Tribuna Metalúrgica* e do *Suplemento* vamos encontrar também personagens interessantes, como o *Repórter Décio Malho*, com notícias das fábricas (São Paulo), e o *Recado do Zé Ferrugem* (1982 — Recife), com notícias das fábricas e da(s) cidade(s). Sobre a importância do universo simbólico dos jornais operários ver uma primeira reflexão em RODRIGUES, 1991.

³¹ Cf. URBINATTI, 1982, p. 15-16. Conferir a experiência do Departamento Cultural do Sindicato dos Metalúrgicos de Santos, entre os anos de 1978 e 1981 em que estão incluídas as atividades do TEMETAL (Teatro dos Metalúrgicos), assim como as apresentações do teatro de rua, no mesmo período, dos bancários de São Paulo. Ver ARAÚJO, 1985, p. 250-259; e BLASS, 1992, p. 81-84.

²⁹ Consultei também o *Suplemento Informativo dos Metalúrgicos*, de 13 de novembro de 1980; e FESTA, 1984, p. 107-108.

bléias promovidas nas ruas e nas praças, o Grupo Forja não era a única atração para os trabalhadores. O ex-dirigente Luís Inácio da Silva recebia atenção especial do *Suplemento*. A presença dele – “Lula Na Paulicéia” – era considerada um chamativo também importante para os “trabalhadores e o povo em geral.”. Afinal, “a luta por melhores condições de vida é de todos!!!” (SUPLEMENTO INFORMATIVO DOS METALÚRGICOS, 19-02-1981).

O *Suplemento* procurava não apenas divulgar as atividades do Fundo de Greve. A campanha para os sócios era intensa: “o sucesso das nossas lutas depende da nossa organização. Fique sócio do Fundo de Greve”. A sua importância era enfatizada “na luta contra a legislação sindical fascista que permite cassar os dirigentes eleitos por nós e intervir em nosso sindicato” (SUPLEMENTO INFORMATIVO DA TRIBUNA METALÚRGICA, 23/2/1981).

Em agosto de 81, a *Tribuna Metalúrgica* saúda a esmagadora vitória da Chapa I. A nova diretoria “assume a luta”. O jornal focaliza a importância do Fundo e noticia as eleições para a renovação da diretoria “do nosso FUNDO DE GREVE”. Naquele ano, o Fundo, que contava com cerca de 3 mil sócios, recebia por isso elogios, pois “a categoria compreendeu a sua finalidade”. Os novos líderes sindicais, a exemplo dos anteriores, estavam afinados com as propostas de um “sindicalismo atuante”. Vale lembrar a palavra de ordem: “A Luta Continua/ Para Vencer o Patrão/ Na Rua/ Na Fábrica/ Na Hora da Diversão” (SUPLEMENTO INFORMATIVO DOS METALÚRGICOS, 16-06-81; ver ainda TRIBUNA METALÚRGICA, nº 61, 1981, p. 7).

Em continuidade à política dos anos anteriores, as novas lideranças sindicais apostavam também nas iniciativas culturais. No mês de outubro temos duas promoções. A primeira patrocinada pela diretoria era a apresentação da peça de Plínio Marcos, *Homens de Papel*. Após o espetáculo ocorreu uma palestra do autor com os presentes. A segunda foi *O Ciclo de Palestras do Fundo de Greve*, com o tema *Sindicato e a Luta dos Trabalhadores*.

Entre os meses de novembro e dezembro vamos encontrar bailes, palestras, filmes e peças teatrais. Pode-se começar com o baile *Noite Hawaiana* (no dia 14 de novembro de 1981) e com a exibição nos cines de São Bernardo, Santo André e em São Caetano do filme de Leon Hirszman:

Eles não usam Black Tie. A propósito, o *Suplemento* jogou o maior peso na exibição desse filme, com diversas chamadas para o comparecimento dos trabalhadores. (“se você for sócio de qualquer sindicato da região, pagará só meia entrada”). Em vários números do jornal o depoimento de Djalma de Souza Bom era evidenciado: “Um filme digno de ser visto pelos metalúrgicos do ABCD, o seu conteúdo está muito ligado à luta da classe trabalhadora”. Outro filme que também teve destaque foi *Os Libertários* (1976), de Lauro Escorel Filho, que trata da história da luta da classe operária nos anos de 1900 a 1920. A história de São Bernardo até às greves pôde ser vista na peça *São Bernardo, Ensaio Geral*, apresentada no sindicato. Assim como *A Gaiola* (do Grupo Forja, uma peça sobre o desemprego e a opressão do trabalhador na fábrica), *Show de Emergência*, do Grupo de Teatro Debate e *A Vida na Favela* do Grupo Teatral do Jardim Silvina. Gostaria ainda de ressaltar a palestra de uma comissão de camponeses de Ronda Alta, no Rio Grande do Sul, que provocou agitação nos trabalhadores no sindicato. De acordo com o *Suplemento*, “320 famílias estavam acampadas à beira de uma estrada enfrentando o cerco da polícia e a pressão do governo para abandonar a luta” (SUPLEMENTO INFORMATIVO DA TRIBUNA METALÚRGICA, 3/12/1981). Entretanto, não é possível esquecer os outros bailes que ocorreram, apresentados pelo conjunto de Roberto Ferri ou pelo MPB Trio³².

Gostaria também de observar um fato bastante explorado pelos líderes sindicais desde 1980. Ou seja, a luta dos trabalhadores poloneses ocupou um espaço significativo na imprensa sindical. As atividades do sindicato independente polonês Solidariedade eram vistas com satisfação e sinal de reforço na luta da classe trabalhadora. Os contatos políticos e culturais eram travados com frequência pelas lideranças sindicais. Assim como pelo ex-dirigente e Presidente Nacional do Partido dos Trabalhadores, Luís Inácio da Silva. É interessante constatar que as experiências de luta nos dois países serviam de acúmulo para uma

³² *Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, de novembro e dezembro de 1981. Cabe citar o artigo de Luís Carlos Merten, “A vitória do ponto de vista operário”. Nele, o autor examina filmes de Eisenstein (de *A Greve*) ao sucesso do brasileiro *Eles não usam Black-Tie*. Desse modo, salienta uma análise da afirmação do cinema ideológico para grandes platéias. Ver *Coojournal*, no 68, 1981, p. 20-21.

reflexão de dirigentes sindicais e intelectuais sobre a consciência da classe operária. O *Suplemento*, por exemplo, estava preocupado em divulgar um novo companheiro de luta, o *Pé de Ferro*, um boneco no estilo do *João Ferrador* no jornal dos metalúrgicos de Salto e Itu. Contudo, a intenção de divulgar as atividades dos outros trabalhadores (metalúrgicos e outros setores) não se limitava apenas ao Brasil. Os poloneses (e outros que eram citados: alemães, franceses, japoneses etc.) também recebiam tratamento especial³³. No meu entender, essas experiências serviam não apenas para solidificar a identidade operária entre os “trabalhadores do mundo”, segundo a expressão de E. Hobsbawn (1988, p. 163-202). Essas experiências — no sindicato e no partido — incluíam sobretudo o campo da cultura.

Para as lideranças sindicais de São Bernardo o importante é tentar qualquer coisa para arrancar os trabalhadores de uma certa pobreza cultural, bem como da pressão a que estão submetidos pelos modernos meios de comunicação. Relembrando Marcel David, “na medida em que os conhecimentos servem para estruturar o pensamento de um homem, trata-se de cultura” (DAVID, 1974, p. 302).

O ano de 1982 começava com o anúncio no *Suplemento* de um grande Show-Baile com Gonzaguinha, no conjunto Vera Cruz. Ainda no mês de janeiro ocorreriam a 1ª Feira de Cultura Operária Popular, os anúncios dos cursos da escola do sindicato e o baile de verão no sindicato. Simultaneamente estava sendo agilizada a campanha salarial de 82. *O Robô que Virou Peão* foi a peça de teatro de rua com que o Grupo Forja auxiliou a diretoria do sindicato nas assembleias da campanha. Um teatro sem texto. Sem nenhuma palavra. Apenas mímica e gestos.

O Grupo Forja materializou alguns personagens como o *João Ferrador*, o *Patronildo* e o *Sombra*, que até então eram apenas estampados nos jornais

e boletins do sindicato ou nas camisetas do Fundo de Greve. Desse modo, “o trabalhador via na sua frente o João Ferrador, o Sombra, ou o Patronildo, os quais vinham cumprimentá-lo. Personagens que até então eram apenas imagens que estavam em seu pensamento, em sua memória, na sua cultura de peão do ABC” (URBINATTI, 1982, p. 40)³⁴.

Entre fevereiro e maio de 1982 o *Suplemento* esteve repleto de atividades culturais. A começar por um Show-Baile e pelos bailes de Carnaval. Os Cipeiros também estarão incluídos nessa roda cultural. O sindicato organizou um ciclo de reuniões com os representantes dos empregados nas CIPAS. Nestas reuniões, os dirigentes sindicais além de fornecerem as informações técnicas sobre doenças e acidentes (“que os cursos oficiais escondem do trabalhador”), também procuravam debater com os trabalhadores as várias formas de atuação e as experiências nas diferentes fábricas. Na reunião do dia 12 de fevereiro foi projetado o filme *O Pé Nosso de Cada Dia*, seguido de um debate em grupo.

Uma iniciativa do departamento cultural, que foi amplamente divulgada, foi a exibição do filme de Renato Tapajós, *Linha de Montagem*. O filme trata das greves de 79 e 80 dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. Um filme histórico que mostra as grandes assembleias no Estádio 1º de Maio, as prisões, as intervenções e as brigas com a polícia nas ruas. Na pré-estréia do filme no sindicato (no dia 13 de abril), estavam presentes Luís Inácio da Silva, Renato Tapajós e Chico Buarque, autor da música do filme³⁵.

No dia 18 de abril, acontece o II Seminário do Fundo de Greve de São Bernardo do Campo e Diadema. Realizado no sindicato, o temário do seminário abordava dois pontos básicos: “O que é o Fundo de Greve e Objetivos” e “Relação Fundo de Greve-Sindicato e Movimento Popular”. O *Suplemento* igualmente divulgou essa atividade por vários dias seguidos, antecedendo o II Seminário, assim como a palavra de ordem “Fique sócio do Fundo de Greve”, que era repetida praticamente em todos os números de 1982. O chamado para

³³ “Esse é o ‘PÉ DE FERRO’. É o nosso novo companheiro de luta!” (SUPLEMENTO INFORMATIVO DA TRIBUNA METALÚRGICA, de 16-12-1981). Consultei também no mesmo jornal a matéria, “Todo o Apoio aos Trabalhadores Poloneses.” As referências aos trabalhadores poloneses, japoneses, italianos, alemães, entre outros, estarão presentes no *Suplemento* e na *Tribuna Metalúrgica*, no decorrer dos anos 70, sobretudo no final desta década e início dos anos 80.

³⁴ Ver as fotos da peça *O robô que virou peão* no trabalho citado. Consultei também o *Suplemento* do mês de janeiro de 1982.

³⁵ Consultei o *Suplemento* entre os meses de fevereiro e maio de 1982, além do filme *Linha de Montagem* (1982).

se associar ao Fundo incluía também a compra de livros e camisetas para arrecadação de fundos, não esquecendo as camisetas do *João Ferrador* e os pôsteres de Chaplin, Che Guevara, Lennon etc.

No mês de abril, vamos encontrar uma iniciativa sindical muito importante para os trabalhadores metalúrgicos. As lideranças sindicais, que já procuravam fornecer subsídios para a formação profissional dos operários com os cursos da escola do sindicato, lançavam uma novidade: o curso de “Formação Sindical”. A concepção desse curso demonstra, no meu entender, uma preocupação política e cultural significativa dos dirigentes sindicais de São Bernardo.

Assim, o *Suplemento* dava o seguinte conselho: “Companheiro: Faça o Curso de Formação Sindical”. Afinal, ele representava “mais uma arma de luta em suas mãos!”. Em junho, o sindicato fazia um balanço do primeiro curso de formação sindical, que havia começado com 50 trabalhadores de diversas fábricas. Ao explicar o funcionamento deste, é possível acompanhar as intenções dos líderes sindicais. O curso sempre começava com a história presente. Os problemas que os trabalhadores estavam enfrentando naquele momento. A cada semana havia um assunto dentro de uma seqüência: jornada de trabalho, desemprego, comissão de fábrica, Enclat, Conclat, entre outros. O trabalho de formação sindical era desenvolvido através de áudio-visuais, filmes, apostilas ilustradas e cartilhas populares. Para a diretoria era fundamental ressaltar que essa atividade contava “com a participação dos companheiros através da dinâmica de grupo onde cada um pode dar a sua opinião livremente e contribuir com sua experiência”. Por isso, era necessário “continuar com o curso de formação sindical. Só que agora não só com 50 companheiros, mas 200 ou até mais. Muitos já falaram que vão participar quando começar outro curso. Então chegou a hora. Faça sua inscrição neste 2º curso” (SUPLEMENTO INFORMATIVO

³⁶ “Mais uma arma de luta em suas mãos!” (SUPLEMENTO INFORMATIVO DA TRIBUNA METALÚRGICA, de 3 de junho de 1982). Consultei também o *Curso de formação sindical (Proposta para 1982)*, SBC, dezembro de 1981; *Curso de formação sindical/82*, março/abril e julho/agosto. Na fase de implantação do trabalho de formação — período entre 1981 e 1985 — o sindicato contratava assessores e técnicos que organizavam e ministravam cursos para os militantes e para a categoria em geral. Cf. PORTELA, 1990, especialmente p. 70-77.

DA TRIBUNA METALÚRGICA, 3/6/1982)³⁶.

Para as lideranças do “novo sindicalismo” ficava claro o valor estratégico da formação sindical (“capacitação dos militantes”), assim como a formação profissional cumpriria o papel de qualificar a mão-de-obra. Por isso, deixando de lado a educação básica dos trabalhadores (com o fechamento do CET) e reafirmando a importância dos convênios com o SENAI, os dirigentes sindicais ao final da década de 70 acreditavam em um processo de formação dos operários que envolvia comunicação (os jornais *Tribuna Metalúrgica* e *Suplemento*), educação (congressos, cursos, palestras e debates, formação sindical) e cultura (festas, sessões de cinema, shows etc).

Temos ainda entre os meses de abril e maio alguns espetáculos teatrais e circenses. Há que se destacar a apresentação das peças: *Donde Co Ce Vem?*, da Cooperativa Paulista de Teatro, *A Ferro e a Fogo*, do Grupo Apoena, *Cavalheiro do Destino*, do Grupo Tesol, *A Cobra Gigante e os Dois Vigias Valentes*, de Natanael da Costa Oliveira, com o Grupo de Teatro Mamulengo (Bonecos de Pernambuco) e *A Festa do Pastoril*, do grupo teatro-circo Alegria dos Pobres, da Cooperativa Paulista de Teatro. Essas apresentações no sindicato de São Bernardo encontraram ainda outras companhias, ou seja, os artistas do circo. As estrepolias de *Sabugo*, *Espoleta* e *Verônica* vão provocar risos e gargalhadas nos trabalhadores do ABC. Assim como *O Mundo Alegre do Circo*, com palhaços e equilibristas.

Destarte, podemos perceber que as lideranças de São Bernardo, ao procurarem mobilizar a categoria, instituem uma fala calcada em enunciados e imagens operárias que apontam para a própria classe trabalhadora. Sobretudo, um discurso de “apelo à palavra operária” — recordando a expressão de Geneviève Bollème, destinado à classe trabalhadora. As atividades propostas pelos líderes no sindicato, na fábrica, na greve, na cidade e no país, sugerem o empenho sindical em transpor o universo dos “homens de macacão”. Ao unir política e cultura, os dirigentes sindicais inovam no discurso e na prática do movimento operário dos anos 70. Assim sendo, ao visitar o sindicato de São Bernardo, encontrei estratégias, imagens, métodos e alvos de uma luta política e cultural.

Desse modo, voltando às atividades promovidas pelo sindicato entre os meses de junho e

dezembro de 82, verifica-se a continuidade dos eventos culturais como meio de mobilizar os trabalhadores. No mês de junho, por exemplo, é possível destacar quatro atividades desenvolvidas pelos líderes sindicais: 1) uma palestra com Clara Sharf sobre “A Mulher Cubana e o Socialismo”; 2) a utilização freqüente de charges e histórias em quadrinhos, algumas assinadas por Henfil; 3) o apoio decisivo a um outro curso de formação sindical; 4) a promoção do Fundo de Greve de uma “Tarde Cultural” no sindicato com várias atividades, como o Bazar da Pechincha, o teatro infantil e a exibição do Filme *Linha de Montagem* (Cf. SUPLEMENTO INFORMATIVO DA TRIBUNA METALÚRGICA, junho de 1982).

Entre os meses de julho e agosto vamos encontrar no *Suplemento* eventos como palestras (“Sete Quedas Vai Acabar”) e filmes (*Perigos de Intoxicação na Empresa*), assim como a promoção do Grupo de Teatro Forja (“Você Quer Fazer Teatro?”) e os cursos da escola do sindicato.

No dia 28 de agosto, o Grupo de Teatro Tupi da Vila Palmares apresenta no sindicato a peça *A Invasão*. Escrita por Dias Gomes, essa peça de teatro trata de problemas como falta de moradia, desemprego, falta de assistência médica e repressão policial e patronal. (Cf. SUPLEMENTO INFORMATIVO DA TRIBUNA METALÚRGICA, nº 420, 1982).

Vários outros eventos são evidenciados na *Tribuna Metalúrgica*, no *Suplemento* e nos folhetos. Vale ressaltar a mensagem de um desses: “O departamento cultural do sindicato ‘arregaça as mangas’ e promove uma série de atividades culturais para o trabalhador e sua família. Além das dificuldades salariais, do desemprego ou das precárias condições de trabalho, o operário, enfrenta um outro problema, que é a falta de lazer e de diversão. E tem mais. A cultura feita pelo trabalhador como a poesia, a música, o teatro etc., nunca atingem os meios de comunicação como a televisão e o rádio, porque tudo está nas mãos da classe patronal ou do governo que é tudo farinha do mesmo saco. Por isso iremos promover debates, teatro, festival de música, de poesia, biblioteca, Centro de Memória das nossas lutas, shows, cinemas etc. [...] a partir do dia 23 de setembro começará o PRIMEIRO CICLO DE CINEMA. Compareça e traga sua família!” (O DEPARTAMENTO CULTURAL INFORMA. FOLHETO, 1982).

O 1º Ciclo de cinema realizado no sindicato contou com a participação de três filmes: *O Homem que Virou Suco* (1980), de João Batista de Andrade, *Acontecimentos de Marusia* (1975), de Miguel Littin, e *A Mãe*, de Vsevolod Pudovkin.

Destaca-se também as promoções de bailes e shows que ocorreram entre setembro e dezembro de 82, assim como dois debates organizados pelo sindicato: 1) *Como os Trabalhadores Tomaram o Poder em Moçambique*, com a presença de representantes dos trabalhadores moçambicanos; e 2) com Domitila Chungara, líder sindical boliviana exilada (Cf. SUPLEMENTO INFORMATIVO DA TRIBUNA METALÚRGICA, meses de setembro a dezembro de 1982).

Desta forma, encontramos também no ano de 1982 o Grupo de Teatro Forja agitando os trabalhadores com outro texto teatral. No dia 16 de outubro, estreou a peça *Pesadelo*, escrita e dirigida pelo Forja.

Aliás, merece ser frisado que o Grupo de Teatro Forja – representando a categoria metalúrgica de São Bernardo e Diadema, participou do II Festival de Teatro Amador do ABC promovido pela Prefeitura de Santo André em outubro de 82. Para a felicidade do Grupo Forja e do próprio sindicato, a peça *Pesadelo* obteve a maioria dos prêmios. Recebeu troféus pelo melhor espetáculo, melhor cenário, melhor ator coadjuvante, melhor atriz coadjuvante e medalhas de Menção Honrosa para Jonas dos Santos e Carlos (pelo trabalho de ator), Tin Urbinatti (direção) e figurinos do Grupo Forja. O *Suplemento* fez questão de destacar que os troféus e as medalhas estavam em exposição no sindicato: “Com esse feito do Forja, a categoria metalúrgica de São Bernardo e Diadema dá demonstração de que é capaz de produzir não só dentro da fábrica, mas também de fazer a sua cultura. A cultura do trabalhador, feita por ele mesmo” (Cf. SUPLEMENTO INFORMATIVO DA TRIBUNA METALÚRGICA, nº 450, novembro, 1982).

Nesse momento, a “linguagem de classe” dos líderes sindicais de São Bernardo, ao determinar o sindicato, a fábrica, a greve, a cidade (“sindicalismo de Base”) e o país como “lugares da luta”, simbolicamente constrói um discurso de unidade dos trabalhadores. A intenção é “mostrar para a categoria, como para todos os trabalhadores, que não somos só metalúrgicos, mas que pertencemos à classe trabalhadora como um todo” (cf. RELA-

TÓRIO DO SEMINÁRIO, São Bernardo do Campo e Diadema, maio de 1982, mimeo, p. 14-15).

Ao estabelecer esses enunciados e imagens operárias, entre os anos de 1971 e 1982, as lideranças sindicais de São Bernardo buscam legitimar suas lutas e determinar novos padrões no movimento operário. No meu entender, pode-se acompanhar nos anos seguintes não apenas a consolidação dos enunciados imagéticos, mas também a instituição de novas imagens, metáforas, estratégias e um certo vocabulário.

Assim, entre os anos de 1983-84 os líderes sindicais de São Bernardo continuaram apostando todas as suas fichas: nas campanhas salariais; nas notícias das fábricas; nos debates; nas histórias em quadrinhos; nos cursos de formação sindical; nos filmes; nas festas; no IV Congresso; nos *shows*; no *João Ferrador* e no *Sombra*. Mesmo com uma nova intervenção no sindicato (em 1983), as várias atividades propostas serão levadas adiante. Cabe lembrar a importância determinante do Fundo de Greve como “lugar da luta” – “Quem Tá no Fundo, Não Afunda”, palavra de ordem repetida freqüentemente nos jornais. Além do mais, o Fundo terá em junho de 1983 um Boletim-FG/Fundo de Greve no qual divulgará suas promoções: os bailes, as festas, os torneios esportivos ou outros eventos como “Cachorro Quente e Domingo Cultural” (cf. BOLETIM FUNDO DE GREVE, nº 1, junho, 1983)³⁷.

Em agosto de 83, concretizou-se a fundação da Central Única dos Trabalhadores³⁸, em São Bernardo do Campo, sendo eleito como principal dirigente o então presidente do sindicato, Jair Meneguelli.

Entre os anos de 1984 a 1988, podemos acrescentar outros enunciados imagéticos, tais

como: as atividades do Grupo Forja (A exibição, por exemplo, da peça *O Operário em Construção* em 1984); os bailes do sindicato, do Fundo de Greve e da CUT (“Bailão da CUT”); novos jornais (por exemplo: *Jornal dos Trabalhadores da BRASTEMP*); o V Congresso da categoria; o 1º Festival de Música da Campanha Salarial de 1988; e também os primeiros planos de organização de um trabalho de base sistemático³⁹.

Nesse sentido, cabe mencionar as novas estratégias estabelecidas pelo discurso sindical, num texto de maio de 88 intitulado “Trabalho de base: plano global de organização e formação”. Esse texto é composto de cinco itens: 1) Porque este plano, 2) O que é trabalho de base; 3) A formação se dá na ação; 4) Necessidade de um planejamento global; e 5) Proposta concreta. No item cinco, “proposta concreta”, gostaria de evidenciar as “pedras preciosas” para as lideranças sindicais: 1) Planos e metas para as equipes do trabalho de base, 2) Grupo de Fábrica nas empresas com mais de 200 funcionários; 3) CIPAS; 4) Comissões de Fábrica; 5) Sindicalização; 6) Cursos, atividades culturais e TVT; 7) Imprensa; 8) Saúde; 9) Mulheres; 10) Fundo de Greve e 11) Militância Geral (TRABALHO DE BASE: PLANO GLOBAL DE ORGANIZAÇÃO E FORMAÇÃO, 1988, p. 01-11). Não há dúvida de que, ao designar os enunciados imagéticos (o sindicato, a fábrica, a greve, a cidade e o país), as lideranças sindicais de São Bernardo procuraram construir e incorporar esses “lugares da luta” à fala sindical, sem esquecer de redimensionar esses enunciados imagéticos, possibilitando novas imagens do movimento operário. Dois exemplos desta afirmação podem ser apontados: a experiência pioneira da TVT - TV dos Trabalhadores,

³⁷ Consultei também o SUPLEMENTO INFORMATIVO DA TRIBUNA METALÚRGICA, anos 1983 a 1984; TRIBUNA METALÚRGICA, no 66, 1983; e GALVÃO, 1996, p. 25-46.

³⁸ O Estatuto provisório da CUT, de 1983, já previa a criação de uma Secretaria Nacional de Formação, Educação e Cultura. Apesar de a Secretaria já estar criada em 1984, suas atividades iniciam-se apenas em 1987 (cf. ROSA, 1985, especialmente p. 15-23). Em São Bernardo, em 1986, o sindicato estrutura o trabalho de educação sindical e política no Departamento de Formação. Cf. SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE SÃO BERNARDO DO CAMPO E DIADEMA, 1989, p. 53-73.

³⁹ Consultei o *Suplemento* entre os anos de 1984 e 1987. Ver ainda *Jornal dos Trabalhadores da BRASTEMP*, no 1, dezembro, 1984; *Jornal da Comissão* (BRASTEMP), no 1, março, 1985; TRIBUNA METALÚRGICA, entre 1987 a 1988 (nesse período, o jornal passou a ter uma circulação diária); e TRABALHO DE BASE: PLANO GLOBAL DE ORGANIZAÇÃO E FORMAÇÃO, 1988.

⁴⁰ A TVT atua até hoje como produtora ligada formalmente à Associação Beneficente e Cultural dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema — Fundo de Greve. A concessão do governo para atuar como uma emissora de TV não foi conseguida, assim como não foi liberado o direito a uma faixa de Rádio. Tanto num caso como no outro as condições técnicas, o pessoal habilitado, os recursos e equipamentos para levar ao ar já estão assegurados. A TVT é formada por

nascida em 1986 no sindicato, e a proposta organizativa referente às mulheres⁴⁰.

Ao examinar o discurso sindical dos metalúrgicos de São Bernardo, foi possível compreender a singular experiência vivida na década de 70. Especialmente que a concepção de uma História do movimento operário, forjada em moldes, regras e normatizações tradicionais, necessita de um fustigamento constante por parte dos pesquisadores. Nesse sentido, tentei evidenciar ao longo desse artigo, que a história desses trabalhadores está mais para uma comparação com um

caleidoscópio do que com uma régua.

Assim sendo, entre os anos de 1971 e 1982, encontramos uma experiência operária significativa e determinante para os anos posteriores. Por meio de um discurso homogeneizador da “classe trabalhadora”, as lideranças sindicais de São Bernardo apostam na possibilidade da libertação de uma sociedade de classes. Entretanto, pretendo distinguir uma questão tópica — que me parece necessária ao final deste artigo — ou seja, as atividades de educação sindical são capazes de responder às exigências atuais do sindicalismo e da sociedade brasileira?

Por enquanto, reconheço que as lideranças sindicais têm encontrado dificuldades ao trabalharem no discurso e na prática, com as atividades de educação sindical iniciadas nos anos 70. Todavia, essas dificuldades podem apontar para novas aventuras e experiências no cenário das lutas sociais nos próximos anos. Não é um caminho fácil. Mas a tentativa de ter dias melhores continua, apesar dos reveses. Afinal, a experiência operária não tem hora e nem dia para terminar.

Recebido para publicação em março de 1999.

uma equipe de nove pessoas. Oito são ex-metalúrgicos que não têm uma função fixa, podem ser câmeras, iluminadores entre outros. A equipe mantém ainda um repórter com formação universitária fora do meio (por enquanto...). Essas informações foram gentilmente cedidas pelo coordenador da TVT, o ex-ferramenteiro Elizeu Marques da Silva (ex-integrante da Chapa I, de Jair Meneguelli) em uma entrevista no mês de dezembro de 1994. Ver também FESTA, 1991. Com relação a uma proposta organizativa referente às mulheres, cf. TRABALHO DE BASE: PLANO GLOBAL DE ORGANIZAÇÃO E FORMAÇÃO, 1988; SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE SÃO BERNARDO DO CAMPO E DIADEMA, 1989, p. 53-73.

Kátia Rodrigues Paranhos é Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Mestre em História (área de História Social do Trabalho) pela Unicamp, doutoranda na mesma instituição e autora do livro *Era Uma Vez em São Bernardo* (Editora da UNICAMP/Centro de Memória, 1999).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A.** 1996. *Lutas, organização coletiva e cotidiana*. Cultura e política dos trabalhadores no ABC Paulista — 1930-1980. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH/USP.
- ARAÚJO, B. J.** 1985. *Operários em luta*. Metalúrgicos da Baixada Santista (1933-1983). Rio de Janeiro : Paz e Terra.
- ARAÚJO, S. M. P.** 1991. *Imprensa sindical: instrumento de ação e objeto de conhecimento — 1976-1990*. São Paulo. Tese de Doutorado. ECA/USP.
- ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE E CULTURAL DOS METALÚRGICOS DE SÃO BERNARDO DO CAMPO E DIADEMA.** 1980. *Estatuto*. São Bernardo do Campo : Mimeo.
- BLASS, L. M. S.** 1992. *Estamos em greve! Imagens, gestos e palavras do movimento dos bancários*, 1985. São Paulo : Hucitec/Sindicato dos Bancários de São Paulo.
- BOLLÈME, G.** 1988. *O povo por escrito*. São Paulo : Martins Fontes.
- CAMACHO, T.** 1987. *O Centro Popular de Cultura do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André*. A Cultura Popular no ABC Paulista no início dos Anos Sessenta: o CPC da UNE, o Teatro de Arena e o Partido Comunista na “Cidade Operária”. São Paulo. Dissertação de Mestrado. PUC-SP.
- DAVID, M.** 1974. *Formação operária e pensamento operário sobre a cultura em França a*

- partir de meados do século XX. In: *Níveis de cultura e grupos sociais*. Colóquio da Escola Normal Superior de Paris (7 a 9 de maio de 1966). Lisboa : Edições Cosmos.
- FESTA, R.** 1984. *Comunicação popular e alternativa*. A realidade e as utopias. São Bernardo do Campo. Dissertação de Mestrado. Instituto Metodista de Ensino Superior.
- FESTA, R.** 1991. *TV dos trabalhadores*. A leveza do alternativo (estudo de caso). São Paulo. Tese de Doutorado. ECA/USP.
- FREDERICO, C.** 1979. *A vanguarda operária*. São Paulo : Símbolo.
- GALVÃO, A.** 1996. *Participação e fragmentação: a prática sindical dos metalúrgicos do ABC nos anos 90*. Campinas. Dissertação de Mestrado. IFCH/Unicamp.
- HOBBSAWN, E.** 1988. Trabalhadores do mundo. In: *A era dos impérios*. Rio de Janeiro : Paz e Terra.
- MANFREDI, S. M.** 1986. *Educação sindical — entre o conformismo e a crítica*. São Paulo : Loyola.
- _____. 1996. *Formação sindical no Brasil: História de uma prática cultural*. São Paulo : Escrituras Editora.
- MEMO, G.** (org.). s/d. *Cultura e democrazia sindacale in Europa*. Formazione e ricerca sindacale in sei paesi europei. Roma : Centro di Studi e Iniziative per la Riforma dello Stato (paper).
- MOTTA, M. F. V.** 1995. *O projeto político-pedagógico dos stalinistas brasileiros*. Formação de quadros e educação política no PCB: 1950/1958. São Paulo. Tese de Doutorado, FE/USP.
- NUNES, A. C. F.** 1978. *Além da greve*. São Paulo : Criart.
- PALMER, B. D.** 1996. *E. P. Thompson*. Objeções e oposições. Rio de Janeiro : Paz e Terra.
- PARANHOS, K. R.** 1999. *Era uma vez em São Bernardo: o discurso sindical dos metalúrgicos — 1971-1982*. Campinas : Edunicamp/Centro de Memória.
- PORTELA, L. G.** 1990. *A formação sindical no Brasil nos anos 80: concepções e práticas*. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. DASE/FGV.
- PRIMO, A. A.** 1996. *O Centro Educacional Tiradentes*. Escola do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema (1974-1979). São Paulo. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP.
- RAINHO, L. F. & BARGAS, O.** 1983. *As lutas operárias e sindicais dos Metalúrgicos em São Bernardo (1977-1979)*. São Bernardo do Campo : Fundo de Greve, vol. 1.
- RODRIGUES, K. S.** 1991. Os caminhos da ousadia. *Revista de História*, Campinas, nºs 2/3, p. 193-216, primavera de 1991.
- ROSA, R. L. B.** 1995. *Educação sindical e organização de trabalhadores: o “Sindicato dos Sapateiros” de Franca — SP*. Franca. Dissertação de Mestrado. FHDSS/Unesp.
- SAMPAIO, A. P.** 1990. As lutas sindicais e as greves: os trabalhadores do ABC como protagonistas da história política do país — o novo sindicalismo. In: *Anais do I Congresso de História da Região do ABC*, p. 191-198.
- SEMEDO, J. A. V.** 1995. *Elementos da crise contemporânea do sindicalismo europeu*. O exemplo francês. Campinas. Dissertação de Mestrado, IFCH/Unicamp.
- SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE SÃO BERNARDO DO CAMPO E DIADEMA.** 1989. *História da Greve de 89*. 30 Anos de Luta. São Bernardo do Campo : Fundo de Greve.
- THIBAUT, M. N.** 1977. La CFDT et son histoire. *Le Mouvement Social*, Paris, n. 100, p. 93-98, juillet-septembre.
- TREMPÉ, R.** 1977. La CGT. *Le Mouvement Social*, Paris, n. 100, p. 81-91, juillet-septembre.
- URBINATTI, T.** 1981. Pensão Liberdade: uma criação coletiva. In: GRUPO DE TEATRO FORJA DO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE SÃO BERNARDO DO CAMPO E DIADEMA. *Pensão Liberdade*. São Paulo : Hucitec.
- URBINATTI, T.** 1982. Pesadelo: um processo de dramaturgia. In: GRUPO DE TEATRO FORJA DO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE SÃO BERNARDO DO CAMPO E DIADEMA. *Pesadelo*. São Paulo : Hucitec.

OUTRAS FONTES

- Anais do I Congresso de História da Região do ABC.* 1990. Santo André : Prefeitura Municipal de Santo André/Museu de Santo André.
- Boletim F.G.* 1983. São Bernardo do Campo : Fundo de Greve.
- Coojornal.* 1981. Porto Alegre.
- Curso de Formação Sindical.* 1981 a 1983. São Bernardo do Campo : Fundo de Greve (Apostilas e Textos).
- Jornal dos Trabalhadores da Brastemp.* 1984 a 1985. São Bernardo do Campo.
- O Metalúrgico.* 1965 a 1980. São Paulo : Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo.
- Relatório do Seminário.* São Bernardo do Campo e Diadema, maio de 1982, mimeo.
- Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica.* 1979 a 1987. São Bernardo do Campo.
- Textos e folhetos explicativos do Fundo de Greve.* 1979 a 1981. São Bernardo do Campo : mimeo.
- Trabalho de Base: Plano Global de Organização e Formação.* 1988. São Bernardo do Campo : mimeo.
- Tribuna Metalúrgica.* 1971 a 1988. São Bernardo do Campo.
- Zé Ferrugem. O Metalúrgico.* 1982. Recife.
- Vídeos:**
- TAPAJÓS, R.** 1982. *Linha de Montagem*
- ROMANI, C.; PIMENTEL, H. & CARDOSO, O. P.** 1995. *Escolas modernas — educação libertária na São Paulo do início do século.* Coletivo Cinestesia.